



AMÉRICA LATINA

Trump arma o cerco no "quintal"



O porta-aviões USS Nimitz, que participou de manobras na costa do Brasil em maio passado: presença ostensiva

Valdo Virgo

Embalado pela vitória de aliados por toda a América Latina, o presidente dos EUA joga pesado na expansão das bases militares pela região e coloca em alerta o governo Lula, praticamente solitário no lado esquerdo do tabuleiro político

» SILVIO QUEIROZ

A posse de mais dois aliados, nas próximas semanas, coloca Donald Trump na posição de entrar pela segunda metade do atual mandato com o cenário talvez mais favorável que poderia conceber dentro do plano estratégico que delineou para os Estados Unidos no contexto de um mundo em que os EUA confrontam a ascensão econômica, geopolítica e inclusive militar de um novo rival — a China de Xi Jinping, às portas de completar 80 anos de um regime comunista original e, até aqui, bem-sucedido. Na estratégia de Segurança e Defesa que apresentou para o Congresso, em novembro último, o presidente definiu Pequim como o adversário central. E, embora esteja hoje enroscado na guerra que iniciou há quatro meses com o Irã, Trump apontou como terreno principal da disputa não o Oriente Médio, mas a América Latina, que até a virada do século era vista em Washington como “o quintal” dos EUA.

O melhor exemplo, talvez, seja a Colômbia, onde o ultradireitista Abelardo de la Espriella assume a Presidência em 7 de agosto, no lugar do ex-guerrilheiro Gustavo Petro, primeiro político de esquerda a governar o país em dois séculos de vida independente e republicana. Desde que sua vitória foi confirmada, o presidente eleito acenou com a reativação de quase uma dezena de bases militares instaladas por Washington para o combate aos rebeldes comunistas e aos cartéis do narcotráfico, nos marcos do Plano Colômbia. A perspectiva é semelhante no Peru, que vem de eleger Keiko Fujimori. Javier Milei negocia a instalação de uma base norte-americana na Patagônia argentina, e o presidente do Equador, Daniel Noboa, trava uma queda de braço com a oposição para reabrir a estratégica base naval de Manta, no litoral do Pacífico.

“Esse movimento pode ser relacionado à chamada ‘onda rosa’ na América Latina, nos anos 1990”, disse ao **Correio** Miguel Tinker Salas, venezuelano, professor de História

Latino-americana da Pomona College, na Califórnia. “A 4ª frota foi reativada por George W. Bush, em 2008, e segue expandindo sua presença. Mais recentemente, com a eleição de governos conservadores na América do Sul, isso passa a cobrir toda a região.” O estudioso vê desdobramentos inevitáveis para o Brasil: “Qualquer que seja, o próximo governo brasileiro terá pela frente uma presença militar crescente dos EUA no seu quintal”.

O professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM, vê o Brasil “mais isolado, diplomaticamente”. Embora não veja no horizonte o risco de uma intervenção militar dos EUA no país, ele alerta para a seriedade do compromisso assumido pelo governo Trump, ao menos no discurso público, com o combate ao narcotráfico — expresso na incursão para captura do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, nos primeiros dias do ano, e pela recente classificação oficial de facções criminosas brasileiras como “organizações terroristas globais”.

“Espero que o presidente Lula, assim como o PT, entenda de uma vez que o combate ao narcotráfico é prioridade da sociedade brasileira, e agora vem essa pressão externa”, afirma Rudzit. “Se ele não tomar medidas, em vez de ficar em operações em ano de eleições, o governo Lula 4, se vier a acontecer, pode ter problemas com os EUA.”

Juliano Cortinhas, professor de relações internacionais da UnB, acompanha o tom, embora com enfoque distinto e voltado para a disputa de espaço geopolítico entre o Brasil e a potência dominante nas Américas. “Nós somos extremamente vulneráveis, em um contexto em que a presença dos EUA é extremamente preocupante”, observa. “Para ter uma defesa coerente, a gente teria não de aumentar o orçamento da área, mas de reestruturar o ministério, torná-lo capaz de conduzir a política da pasta”, argumenta. “Lula não fez a lição de casa, de reorganizar as Forças Armadas, e a gente pode pagar um preço alto por isso.”



Valdo Virgo/CB/D.A Press

Qualquer que seja, o próximo governo brasileiro terá pela frente uma presença militar crescente dos EUA

Miguel Tinker Salas, professor de história latino-americana da Pomona Colleg, na Califórnia

ESCALADA DO CONFLITO

Ataques israelenses matam 10 pessoas na Faixa de Gaza

Dez pessoas morreram ontem em bombardeios israelenses em Gaza. Cinco pessoas eram membros da mesma família e morreram quando um apartamento foi atingido no noroeste da Cidade de Gaza, afirmou a Defesa Civil, um serviço de resgate que opera sob a autoridade do movimento islâmico Hamas. “O único sobrevivente da família é um menino, que não estava na residência no momento do ataque”, declarou Mahmud Basal, porta-voz da Defesa Civil, à AFP.

O hospital Al Chifa, em Gaza, confirma ter recebido os cinco corpos. Uma porta-voz do Exército israelense indicou que foi lançado

um ataque na Cidade de Gaza para “atingir um terrorista do Hamas”. Outras três pessoas morreram num ataque israelense contra um grupo de civis no bairro de Zeitun, na Cidade de Gaza, segundo a Defesa Civil, um balanço confirmado pelo hospital Al Chifa.

Fontes dos serviços de saúde informaram de outras duas pessoas mortas durante o dia em outros ataques israelenses no território. Entre elas. Muhannad Othman Farwana, de 25 anos, que morreu pela manhã “em um ataque contra uma tenda” de campanha, disse a Defesa Civil. Em um comunicado, o Exército israelense afirmou que

Ibrahim Amro / AFP



Um homem chora sobre o caixão de um combatente do Hezbollah

Farwana era “comandante de uma célula terrorista do braço armado” do Hamas e acrescentou que ele morreu em um ataque de precisão. “Ele se casaria ontem”, contou à AFP seu primo, Mohamed

Farwana. “Todos na família estavam preparados para celebrar a união dele. Hoje, fomos ao funeral em vez do casamento”, lamentou.

Os novos ataques ocorrem mesmo depois do acordo de

cessar-fogo, em outubro de 2025. Israel e Hamas se acusam mutuamente de violar ou cessar fogo no território devastado. Ao menos 1.144 palestinos morreram, desde sua entrada em vigor.

Sem trégua

Ataques de drones ucranianos contra dois centros logísticos mataram oito pessoas em armazéns na Rússia, na madrugada de ontem. Foi o ataque mais violento em dois anos. Sete das vítimas fatais trabalhavam em um centro de distribuição em Kotovsk, na região de Tambov. A oitava morte ocorreu em um centro semelhante em Elektrostal, na região de Moscou.

Durante a noite de sexta-feira a madrugada de sábado, a região de Moscou foi alvo de mais de 370 drones ucranianos. A

maioria foi interceptada pelas defesas antiaéreas russas. Também na madrugada, uma maternidade foi desocupada, por motivos de segurança. O bombardeio na pequena cidade do oeste da Rússia deixou mais de 60 feridos.

Outro depósito de Wildberries, em Elektrostal, na região de Moscou, foi atingido pela queda de um drone, afirmou o governador Andrei Vorobyov, causando uma morte e 37 feridos. Além disso, ele informou que houve um incêndio em um depósito de petróleo na vizinha Noginsk. A cofundadora e diretora-geral da Wildberries, Tatyana Kim, descreveu o episódio como uma “noite terrível” para a Rússia e para a empresa, que é uma grande varejista on-line russa.

Os ataques russos deixaram um morto e 13 feridos na Ucrânia, disseram as autoridades locais.